



GC

Revista Nacional de
Gerenciamento de Cidades
National Journal of Cities Management

ISSN 2318-8472
v. 04, n. 27, 2016



O habitar contemporâneo: dispositivos espaciais geradores de interação social.

Contemporary Housing: spatial devices to generate social interaction.

Vivienda contemporánea: dispositivos espaciales generadores de interacción social

Márcio Barbosa Fontão
mbfontao@gmail.com



RESUMO

Na prática do projeto de arquitetura existem dispositivos que se movem na direção coletiva de vida, tentando oferecer uma contribuição na qualidade destinada aos usuários. Esta pesquisa busca entender estes dispositivos e mostrar como, através da sua utilização, podem ser criados novos cenários e relacionamentos em edifícios de habitação coletiva, quase sempre pensados de forma individualista. Num primeiro momento discute-se a definição de dispositivo em relação ao projeto, definindo a sua função. Após isso, autores das Ciências Sociais, História, Geografia e Urbanismo são convocados para sustentar a premissa na qual se desenvolve esta pesquisa: o fenômeno da individualização na sociedade atual e suas consequências. Com o suporte metodológico em análise de estudos de casos, uma série de projetos é analisada com a intenção de encontrar os dispositivos e apresenta-los aos leitores. Por fim estes dispositivos são elencados, agrupados e explicados a partir da análise de cada caso, oferecendo alternativas projetuais para que arquitetos possam encontrar soluções que estimulem a interação social em seus edifícios.

PALAVRAS-CHAVE: Habitação, espaços coletivos, dispositivos espaciais.

ABSTRACT

In the practice of architectural design there are devices that move in the direction of collective life, trying to offer a better contribution to the intended users. This research seeks to understand these devices and show how, through their use, can create new scenarios and relationships in collective housing buildings, often thought of individualistic way. At first we discuss the device definition in relation to the project, defining its function. After that, the authors of Social Sciences, History, Geography and Urban Design are invited to support the premise on which is developed this research: the phenomenon of individualization in today's society and its consequences. With the methodological support in case study analysis, a serie of projects is analyzed intending to find the devices and presents them to readers. Finally these devices are listed, grouped and explained from the analysis of each case, offering projective alternative for architects to find solutions that encourage social interaction in their buildings.

KEYWORDS: Housing, collective spaces, spatial devices.

RESUMO

En la práctica del diseño arquitectónico hay dispositivos que se mueven en la dirección de la vida colectiva, que tratan de ofrecer una contribución de calidad prevista a los usuarios. Esta investigación busca entender estos dispositivos y mostrar cómo, a través de su uso, puede crear nuevos escenarios y relaciones en los edificios de vivienda colectiva, a menudo diseñado de manera individualista. En un primer momento se discute la definición de dispositivo en relación con el proyecto, la definición de su función. Después de eso, se invita a los autores de las Ciencias Sociales, Historia, Geografía y Urbanismo para apoyar la premisa sobre el desarrollo de esta investigación: el fenómeno de la individualización en la sociedad actual y sus consecuencias. Con el apoyo metodológico en el análisis de casos, una serie de proyectos es analizada con la intención de encontrar los dispositivos y los presenta a los lectores. Finalmente estos dispositivos se enumeran, agrupan y se explican a partir del análisis de cada caso, ofreciendo alternativas proyectiva para los arquitectos para encontrar soluciones que favorezcan la interacción social en sus edificios.

PALAVBRAS CLAVE: Vivenda, espacios colectivos, dispositivos espaciales.



INTRODUÇÃO

As questões terminológicas são importantes, por isso antes da exposição da ideia deste artigo, faz-se necessário esclarecer o termo que a sustenta. Por definição, dispositivo é aquilo que contem disposição¹, e esse pode ser o primeiro modo de entender essa expressão. Em um sentido mais amplo, pode ser uma ferramenta para determinadas funções, ou seja, um ítem que satisfaça uma dificuldade ou situações de emergência e procura resolvê-los. Em relação a “espaciais”, entende-se como local pensado e ocupado pelo homem com determinada capacidade de acomodação. Assim, um dispositivo espacial pode ser entendido como uma ferramenta que contribui para a solução de um problema de um espaço projetado pelo homem.

Aqui, o principal interesse desse dispositivo é corrigir um fenômeno social de individualismo e segregação. O objetivo dessa ferramenta é trabalhar para agregar o maior número de pessoas que utilizam um edifício, considerando as relações sociais e econômicas e os diferentes interesses e necessidades de cada grupo. Esse dispositivo sempre trabalhara em prol do coletivo, do público, e tudo o que vai além do ambiente de habitação privada, entretanto, não é de interesse deste artigo, os espaços coletivos no âmbito da cidade. O estudo sobre os dispositivos espaciais na escala urbana deve receber atenção especial em outro trabalho, pois concentra em si muitos aspectos aqui não estudados.

Em uma definição preliminar, os dispositivos espaciais podem tomar forma nas áreas comuns dos edifícios, como espaços compartilhados flexíveis, ou serviços específicos para os residentes ou dirigida a toda a comunidade. Mas por que estes espaços são necessários e faz sentido levá-los para o espaço privado?

É no mínimo curioso pensar que à medida que mundo se torna cada vez mais globalizado, onde as trocas de informações são cada vez maiores e mais velozes, as relações sociais são cada vez mais relativizáveis. Mas não é surpresa, já que quando escreve sobre a globalização, o geógrafo brasileiro Milton Santos (2000) identifica que as relações sociais de hoje perdem sua humanidade, pois são marcadas pelas relações de troca do capitalismo. O sistema de troca exige um comportamento que vise, quase sempre, uma vantagem pessoal e não coletiva. Como consequência, o indivíduo passa a ser protagonista da sua história, esquecendo-se da necessidade da vida em sociedade. Gilles Lipovetsky (1988) trata especificamente do individualismo a partir do conceito de deserto para exemplificar o isolamento e a indiferença na sociedade pós-moderna. Para o autor, o sistema atual convida a acomodação, a apatia emocional e a indiferença é o sentimento que marca o momento atual. Segundo o autor, "a

¹ Dicionário Online de Português. Pesquisa realizada em 27/08/2016. <http://www.dicio.com.br/dispositivo/>



nova era individualista conseguiu a façanha de atrofiar nas consciências a alta consideração que desfrutava o ideal altruísta, redimiu o egocentrismo e legitimou o direito de viver só para si" (Lipovetsky, 2005, p. 107).

Se para Lipovetsky essa característica da pós-modernidade não parece ser a raiz dos problemas morais pós-modernos, contrariamente, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman em seu trabalho *Vida em fragmentos: Sobre a ética pós-moderna* (2011), contraria Lipovetsky e afirma que não pode existir um individualismo ético. Para o autor, o individualismo forjado pelo consumismo, defendido por Lipovetsky, resulta na concentração exagerada de irresponsabilidade por garantir o interesse dos mais fortes. Além disso, o próprio sujeito é objetivado, perdendo sua essência humana, que deveria ser preservada, sendo esse tipo de individualismo destruidor das pontes de proximidade e de alteridade tão importantes para a convivência humana.

Considerando a cidade como pano de fundo das ações humanas, esse fenômeno é muitas vezes materializado na forma como as cidades são planejadas. Em seu livro *"Cidade de Quartzos: escavando o futuro em Los Angeles"*, o historiador marxista Mike Davis (1991) escreve sobre economia urbana, articulando de maneira inédita a transformação das cidades no capitalismo tardio, caracterizadas pelo aumento da exclusão social, pelo *apartheid* espacial e crescimento da violência. Em determinado capítulo, o autor discorre sobre como a crescente paranoia da segurança urbana estimulou um abandono dos espaços públicos, resultando na privatização de ruas, praças, parques e praias. Progressivamente, a cidade de Los Angeles, campo de estudo do autor, foi se transformando em conjuntos fortificados, vigiados e ensimesmados, obrigando os moradores a escolherem cada vez mais pelo transporte particular em detrimento do coletivo.

Nesse mesmo sentido, o problema da "muralização" das cidades em guetos, *shoppings centers* e condomínios já vem sendo estudada com o sinal de alerta. A jornalista americana Jane Jacobs (1961) escreve sobre a dinâmica da cidade defendendo a diversidade como único meio capaz de garantir a vitalidade urbana. A partir de sua experiência em Nova Iorque e baseada na crítica objetiva ao planejamento urbano moderno do início do século XX, a autora discute, por exemplo, a importância das calçadas como instrumento de contato e interação entre moradores. Jacobs critica o ideal da cidade moderna com usos segregados ou bairros exclusivamente residenciais afastados, e questiona o uso excessivo do automóvel privado, símbolo do poder individualista, dentro de áreas urbanas.

É nessa direção que caminha Richard Sennet em sua obra *O Declínio do Homem Público: As tiranias da intimidade* (1970), onde faz uma análise das formas de sociabilidade, comunicação, representação, atuação e relação entre as pessoas das grandes cidades. Além do planejamento



urbano, para o autor, também edifícios arquitetônicos dos últimos dois séculos são cada vez mais ensimesmados, o que para Sennett é a antítese da civilidade, se compreendermos que civilidade é a possibilidade de estreitamento social independentemente da distância entre os sujeitos, pois “quanto maior a intimidade, menor a sociabilidade” (SENNETT, 1999: 325).

Esse tipo de edificação fortificada, sem vitalidade e incivilizada apresentada pelos autores pode ser encontrado nos modelos de habitação de condomínios fechados, que se aproveitam da insegurança urbana para reproduzir uma arquitetura de segregação. Como aponta o urbanista italiano Bernardo Secchi em seu livro *La città dei ricchi e la città dei poveri* (2013), “dispositivos espaciais relacionados a construção e gestão da cidade e do território têm consequências relevantes com relação a exclusão e integração entre ricos e pobres” (SECCHI, 2013, p. 12). Esta segregação da qual Secchi comenta é relativa à escala da cidade, e apesar de não ser este o tema central do trabalho, pode ser transportada para a escala do edifício e interpretada a partir da relação entre os conceitos de público e privado. De modo geral essa diferenciação pode ser traduzida como: espaços coletivos e individuais. Um espaço público é um espaço de uso coletivo e disponível para todos; um espaço privado é destinado a ações individuais e familiares.

Para Solá-Morales², é desejável que se dissolva a distinção entre estes dois domínios. Este processo acontecerá quando for possível converter o espaço privado em “público”, em outras palavras: “urbanizar o privado”. Neste sentido, Morales suporta uma “contaminação” das características públicas e privadas no espaço. Esta atitude se reflete em projetos de locais públicos de Luis Barragán³, que consegue que a intimidade, um conceito ligado ao ambiente privado, se converta em um elemento fundamental do âmbito comunitário. Lugares públicos projetados por Barragán são antes de tudo, espaços de espera, dispositivos visuais que nos preparam para conhecer uns aos outros⁴.

Para que um espaço seja efetivamente coletivo, não basta ser um espaço público. Tanto as cidades como edifícios construídos hoje, oferecem espaços públicos que são somente áreas vazias, sem qualquer estímulo a convivência ou civilidade. Um espaço coletivo não pode ser uma sobra da organização de outras áreas do edifício. Pelo contrario, é este espaço que deve estruturar as relações dos ambientes, assumindo protagonismo e agregando qualidade ao conjunto. Mas visto por outro ângulo, este espaço não pode ser exageradamente ocupado, visto que dessa forma pode-se chegar a uma solução de segregação, consumo ou controle social. As dimensões, o programa, o mobiliário, o material, e outras decisões projetuais,

² Solá-Morales, Manuel de (2001). “Espaços Públicos e Espaços Coletivos”. In Navazinas, Vladimir (2007), p. 19.

³ Spazi per l’attesa. L’architettura di Luis Barragan. In Arís, Carlos Martí (2007). *La cèntina e l’arco*, Christian Marinotti Edizioni, Milano.

⁴ Ibidem, p. 190.



podem enganar um arquiteto bem intencionado, porém desatento à heterogeneidade do grupo social que utilizaria tal espaço.

METODOLOGIA E ANÁLISE

O presente trabalho tem como principal ferramenta metodológica o estudo de caso. Como aponta Zein, vê-se recentemente um crescimento no interesse sobre temas ligados ao projeto e análise de obras (2011, p. 2). Essa busca vem, talvez, da possibilidade de conhecer de modo profundo, sistemático e claro o melhor material de pesquisa dos arquitetos, sua produção. Aqui, entende-se a análise de obra, por meio de estudos de caso, como imprescindível ferramenta de reflexão crítica e argumentação teórica, tema também de interesse de Richard Foqué, autor convocado para alicerçar a pesquisa.

Seguindo a base filosófica tradicional anglo-saxônica do pensamento pragmático, Foqué defende que a investigação em projeto é baseada tanto no pensamento racional como no pragmático (2010, p. 145). O projeto está diretamente relacionado com um percurso de propostas e decisões que buscam resolver problemas do conhecimento, que a metodologia empírica é provavelmente a mais adequada para o estudo de obras. Foqué argumenta que o pensamento pragmático reflete uma unidade ao processo de aprendizado e experiência em projeto, de pensamento conceitual e consciência situacional (2010, p. 42).

Inicialmente, os critérios de escolha dos casos seguiram algumas características descritas por Robert Yin, em *Case Study Research: Design and Methods* (2003). Parte-se do princípio que os projetos têm em comum a questão da relevância, significância do caso para a arquitetura local, regional e/ou internacional. A partir disso, um aprofundado levantamento foi realizado em sites e revistas especializadas⁵, com o objetivo de encontrar o maior número possível de obras que poderiam servir como amostra. Posteriormente, para selecionar os projetos que entrariam como estudo de caso, novos critérios foram criados pelo autor.

O primeiro e mais simples, foi selecionar os edifícios que já tinham uma aparente “vocação” em estimular interação social devido ao seu programa de uso misto. Foram selecionados: Sociopolis Sharing Tower de Vincent Guallart; Shinonome Canal Court Block 1 de Riken Yamamoto; Simmons Hall de Steven Holl; Edifício Mirador de MVRDV; Linked Hybrid de Steven Holl; Hotel and Convention Center Agadir de OMA; Copan de Oscar Niemeyer; Silodam de MVRDV, Central St. Giler Court de Renzo Piano e Fletcher Priest Architects, Saynatsalo Town Hall de Alvar Aalto e o clássico exemplo da Unite d' Habitation de Le Corbusier.

⁵ Sites e revistas pesquisados: Revista Summa +; GA Document Magazine; El Croquis; www.divisare.com; www.archidaily.com; www.dezeen.com.

O segundo critério, escolhido a partir de uma constatação durante o levantamento inicial, considera a importância do discurso falado/escrito do arquiteto sobre sua obra. Alguns termos eram usados para descrever determinadas soluções que podem estar relacionadas aos dispositivos espaciais buscados. Expressões do tipo: espaço coletivo, espaço de interação, área de convívio, ponto de encontro, ambiente de troca, pressupõem a intenção do arquiteto em projetar um local de agregação social. Naturalmente, nem sempre uma intenção de projeto é plenamente eficaz e muitas são resumidas ao discurso, entretanto, considerou-se que a pré-disposição do arquiteto em declarar esta intenção contribuiria para o reconhecimento de melhores casos. Os casos são: Rolex Learning Center de SANAA; Sede de ABN AMRO de Neutelings Riedijk; Women's dormitory Saishunkan Seyiaku de Kazuyo Sejima; Centre for the mentally handicapped SWOZ de Un Studio; Montessori College de Herman Hertzberger.

O último critério escolhido tenta buscar em edifícios diversos com usos mais distantes do tema da habitação alguma intenção em gerar áreas comuns que possibilitam algum tipo de interação social. Os edifícios encontrados são: NA House de Sou Fujimoto; Parque de escritórios Unterfohring de MVRDV; Museu de arte contemporânea de Kanazawa, SANAA. Parque La Villette de Bernard Tschumi; Waxner Center de Peter Eisenman; Tack Toren de Stephane Beel; Parador Nacional de Turismo de Alcalá de Henares de Eduardo Arroyo; Habitações Terapêuticas de Eduardo Arroyo; Centro Cívico Sabadel de Mansila Tunon; Casa de Cura de Toyo Ito; LVM Seguros de Bolles Wilson; Rokko Housing de Tadao Ando; Raika Building de Tadao Ando; Jussieu Due Biblioteche de OMA; Espaço Pilot di Richard Meyer; Centro Municipal de Rosario de Alvaro Siza; Construire Minaert de Neutelings Riedijk.

Num primeiro momento, para analisar os casos levantados, foram buscadas semelhanças projetuais entre os edifícios que pudessem colocá-los em categorias diferentes. Identificadas essas coincidências nas soluções espaciais, foram criados alguns dispositivos espaciais que podem ser pistas para uma estratégia de projeto que busca a interação social. São eles: circulação espalhada; serviços compartilhados; vazio na massa; circulação definida e praça. Os dispositivos não possuem uma hierarquia de menor ou maior qualidade e capacidade em promover interação social, de modo que a divisão em grupos diferentes é somente uma maneira de identificar algumas estratégias semelhantes.

RESULTADOS OBTIDOS

Os projetos selecionados como estudo de caso se colocam em um recente arco temporal de 20 anos (1990/2010) e exemplificam os percursos de formação/deformação do espaço coletivo em edifícios não somente destinados à habitação. Estes intervenções respondem adequadamente a criação de espaços para a coletividade, sem hierarquia, e quase sempre na confluência entre o espaço privado e o público, favorecendo a relação entre os usuários.

Segundo Montaner⁶, “a rede dos espaços intermediários será em um futuro imediato elemento chave para estimular os valores de sociabilidade, solidariedade e civilidade no interior de uma comunidade.” Entre as características destes projetos, a principal talvez seja a convivência de usos diversos, como por exemplo, espaços de ócio, lavanderia, creche e lojas. Também são identificados espaços intermediários como sacadas, terraços, tetos jardins que potencializam a relação entre a cidade e o edifício, atuando como local de relações, extensão do privado no público e vice-versa.

a) CIRCULAÇÃO ESPALHADA

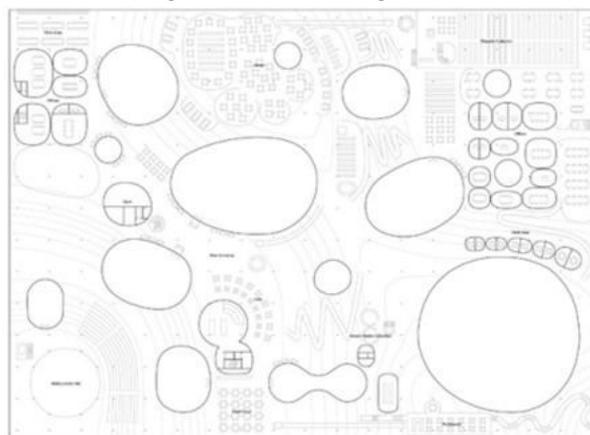
O princípio da circulação espalhada é encontrado em edifícios nos quais não há circulação definida por um ou mais corredores. Esta solução é mais facilmente encontrada em edifícios que não exigem privacidade, entretanto, mesmo algumas habitações podem ser estruturadas sob a lógica da circulação espalhada. Em qualquer um dos casos, o fator interessante a ser notado é que espaços de circulação são quase sempre espaços de permanência e para exemplificar este princípio, foram escolhidos dois projetos com funções diversas. O primeiro, **Rolex Learning Center** (figura 1) do escritório japonês **SANAA**, construído no campus da Escola Politécnica Federal de Lausanne, e o segundo caso, **NA House** (figura 2) do arquiteto também japonês **Sou Fujimoto** é em Tóquio, ambos projetados em 2010.

O Rolex Learning Center é um grande local de estudo que abriga espaços coletivos, café, restaurante, bibliotecas e cômodos de apoio. Este pode ser considerado como um dos edifícios que mais resumem a visão sobre arquitetura do escritório japonês, visto que tanto a solução de acesso, como a topografia construída, os pátios internos e os vidros portantes já vinham sendo ensaiados em projetos anteriores. Aqui, os arquitetos sintetizam habilmente seu intenso processo de projeto e pesquisa sobre a organização geométrica dos espaços no interior do edifício. A força deste projeto está na ausência das paredes, promovendo como consequência a fusão entre áreas de circulação e de permanência. Essa aparente indefinição espacial possibilita um uso inovador dessas áreas e a interação direta entre os usuários.

A mostra de SANAA na décima primeira Bienal de Veneza intitulada como “*People meet in architecture*” pode ser lida e entendida a partir de duas possíveis interpretações. A primeira um processo de interiorização, enquanto a segunda um caminho de encontro com o outro. Isto evidencia o interesse dos arquitetos no tema da interação social, tratando-se de uma produção preocupada com a atividade humana e servindo como mecanismo de rica reflexão sobre a sociedade contemporânea.

⁶ Montaner, J. M., Muxí Z., Falagán D.H. (2011). *Herramientas para habitar el presente_La vivienda del siglo XXI*, Máster Laboratorio de la vivienda del siglo XXI, Barcelona.

Figura 1: Rolex Learning Center



fonte: <http://www.arch2o.com/rolex-learning-center-sanaa/>

A partir do mesmo princípio, mas com função diferente, o projeto de Fujimoto é uma habitação uni familiar. Ao contrário do edifício anterior, no qual pessoas desconhecidas compartilham espaços comuns, no contexto familiar a tolerância ao outro é muito maior, visto que provavelmente os usuários são da mesma família. Mas essa condição não torna o desafio de espalhar a circulação em um trabalho mais fácil, pois o nível de privacidade exigido em residências é muito maior que o exigido em espaços de estudo.

O conceito central deste projeto é a representação metafórica de uma árvore, defendendo o jardim como o local de origem da arquitetura. O arquiteto altera a noção de espaço físico de modo que interno e externo, tradicionalmente considerados uma dicotomia, são eliminados resultando em zonas “improvisadas” e sem hierarquia. Com a perda da oposição entre dentro e fora, a circulação definida conseqüentemente desaparece, resultando em fluxos livres entre espaços, de modo que as pessoas são distribuídas tridimensionalmente no espaço. Este é um lugar com passagens sem forma que oferece uma nova experiência de senso e distância, no qual as pessoas podem descobrir juntas esse espaço, o que não aconteceria caso fossem pré-estabelecidos.

Figura 2: NA House



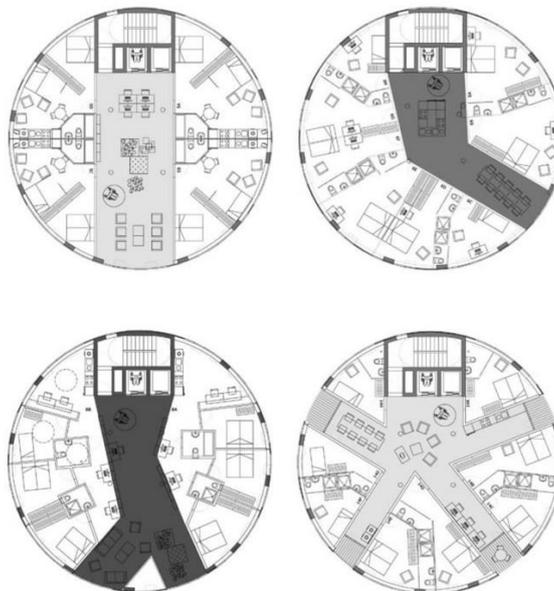
fonte: http://openbuildings.com/buildings/house-na-profile-43020?_show_description=1

b) SERVIÇOS COMPARTILHADOS

Neste grupo estão reunidos projetos que possuem uma solução espacial estruturada a partir das áreas de serviços compartilhados. O primeiro, **Sociópolis Sharing Tower** (figura 3) do arquiteto espanhol **Vicent Guallart** foi projetado em 2004 e o segundo, **Saishunkan Seyiaku Woman's dormitory** (figura 4) de **Kazuio Sejima** foi projetado e construído nos anos 90.

O caso espanhol é um arranha-céu com um programa híbrido que compreende em 250 apartamentos para aluguel, um centro artístico e outro tecnológico. Seguindo o dispositivo dos serviços compartilhados, este projeto gera uma variedade de espaços que se transformam considerando a idade e/ou condição de vida dos usuários. Os níveis mais baixos, por exemplo, possuem uma quantidade de apartamentos para artistas com espaços reservados para seus trabalhos. Em alguns pavimentos dessa torre existem oito “micro-comunidades” que compartilham espaços de reunião, áreas de trabalho, lavanderias, terraços e área para cozinhar e comer. Esta solução encoraja os usuários a compartilhar os espaços e por consequência ao exercício da tolerância, visto que o perfil dos moradores pode ser completamente diverso.

Figura 3: Sociópolis Sharing Tower



Fonte: <http://www.guallart.com/projects/sharing-tower>

No segundo caso a homogeneidade dos usuários favorece a uma situação de compartilhamento dos serviços comuns em um grau elevadíssimo. A vida em comunidade das 80 jovens que vivem e estudam nesta residência para dependentes de uma sociedade local, é bastante incomum para a maior parte das pessoas. Ao invés de suítes ou apartamentos privados, foi pensada uma grande área comum com cozinha, lavanderia e serviços, além de banheiros privados e um amplo banheiro comum. Sejima⁷ aponta que "das alternativas surgidas a partir do estudo de espaços privados e comuns, selecionamos o que oferece mais proximidade física (...). As funções centrais servem como uma grande sala comum."

⁷ SEJIMA, Kazuo. EL CROQUIS, edição 77. Pg. 34.

Figura 4: Saishunkan Seyiaku Woman's dormitory



Fonte: <http://images.lib.ncsu.edu/luna/servlet/detail/NCSULIB~1~1~105513~174998:Saishunkan-Seiyaku-Women-s-Dormitor>

c) VAZIO NA MASSA

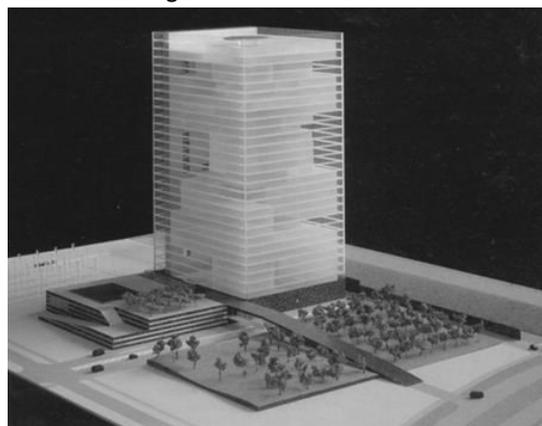
Como os princípios apresentados anteriormente, o vazio na massa pressupõe que os espaços coletivos podem ser também espaços de circulação. Entretanto, se no primeiro caso a circulação era espalhada e cada usuário decide seu trajeto, aqui a direção do percurso dentro do edifício é relativamente objetiva e clara. Nesses casos, a circulação é estruturada por espaços flexíveis que podem ser utilizados de maneiras diversas, garantindo maior aproveitamento desta área de passagem. Foram identificados dois casos que utilizam esse princípio: o primeiro projeto, não construído, **ABN AMRO Bank** (figura 5) do escritório holandês **Neutelings Riedijk** de 1992, e segundo, **Shinonome Canal Court Block 1** (figura 6) do arquiteto japonês Riken Yamamoto foi construído em 2003 em Tóquio.

A sede de escritórios do banco ABN AMRO é uma torre de volumes sobrepostos, fechados por uma pele de vidro que protege o edifício do vento, da chuva e do ruído do tráfego. Os vazios que se formam entre esses volumes resultam em uma série de jardins que são utilizados como áreas semipúblicas. No entorno dessas áreas estão localizadas estruturas centrais como centro de conferências e restaurante. Os jardins são conectados a um sistema de escadas rolantes, elevadores e escadas caracóis, transformando o complexo em uma metáfora da cidade. Maarten Delbeke⁸ escreve que “o projeto conversa diretamente com uma cidade vertical, aonde os vazios são as praças, as escadas rolantes os bulevares e os elevadores as autoestradas.” Mesmo que estes espaços tenham sido pensados inicialmente como parte de uma estratégia climática, o resultado possibilita um interessante espaço coletivo. O arquiteto

⁸ DELBEKE, Maartin. Sculpting a perfect picture [The methods and work of Neutelings Riedijk]. El Croquis 94. Pg.21.

defende que cada vazio é um local de encontro e pode assumir, durante a jornada diária e vida útil do edifício, uma ampla possibilidade de utilizações e organizações.

Figura 5: ABN AMRO Bank



Fonte: <http://www.neutelings-riedijk.com/index.php?id=14,61,0,0,1,0>

O segundo caso, construído em Tóquio, tem um programa funcional diferente do anterior e a maneira como Yamamoto organiza a circulação remete ao aspecto mais funcional do edifício. Neste projeto a característica principal é a solução dos terraços comuns esculpidos no volume deste edifício residencial. Diferentemente do projeto anterior, a circulação vertical é feita majoritariamente por elevadores, enquanto a horizontal é estruturada em um sistema de corredores e terraços de pé direito duplo. Distribuídos a caso em todos os pavimentos, estes terraços comuns são circundados por cômodos que são utilizados como sala de jogos, berçário ou salas de trabalho coletivo por qualquer um dos moradores. Todos os apartamentos possuem um quarto que faz limite com esses vazios possibilitando novos acessos independentes para os apartamentos, dessa forma são criadas novas centralidades que não só alimentam uma vitalidade, mas também possibilitam trocas sociais entre vizinhos.

Figura 6: Shinonome Canal Court Block 1



Fonte: <http://architecturalmoleskine.blogspot.com.br/2011/10/toyo-ito-kengo-kuma-etc-shinonome-canal.html>

d) CIRCULAÇÃO DEFINIDA

Neste princípio a circulação é muito clara, mesmo que haja a possibilidade desta tornar-se um espaço de permanência. De modo geral, esta solução propõe um desenho de corredor linear muito claro, recebendo algum destaque do contexto construído e gerando como consequência interesse dos usuários em percorrê-lo. O primeiro projeto que serve como exemplo deste edifício é o **Linked Hybrid** (figura 7) do norte-americano **Steven Holl**, construído em 2003 em Pequim. O segundo é o edifício sede da **The New School** (figura 8) do escritório **SOM** finalizado em 2014 em Nova Iorque.

No caso chinês, os 644 apartamentos compartilham o edifício com áreas comerciais, hotel, cinemas, creche, uma escola Montessori, entre outros. Seu principal elemento é uma grande passarela que conecta nove torres partindo do décimo segundo pavimento e chegando ao décimo oitavo. Ao longo deste percurso, áreas interessantes vão sendo descobertas, como piscina, academia, café, galeria de arte, auditório e salas de trabalho. Para o arquiteto, se trata de um investimento muito eficiente para combater os atuais projetos privativos a partir de uma solução “porosa”, destinada a ser convidativa e aberta ao público, atuando como uma continuação da cidade. O projeto promove relações interativas e encoraja encontros nos espaços com funções tão diferenciadas. Enquanto se percorre o espaço, nas palavras de Holl⁹, “o edifício funcionara como um condensador social.”

⁹ Fonte: <http://www.stevenholl.com/project-detail.php?id=58> acesso em 12/03/2016

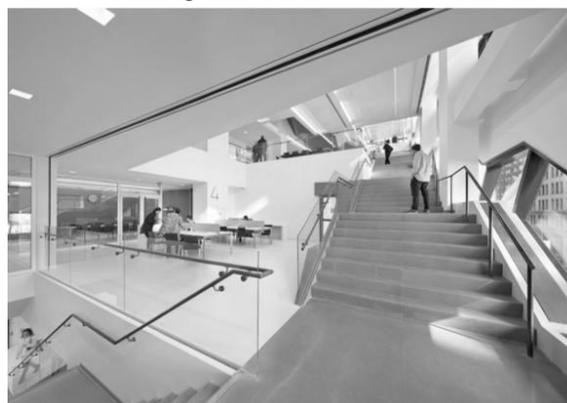
Figura 7: Linked Hybrid



Fonte: <http://architizer.com/projects/linked-hybrid/>

Com estratégia semelhante, o projeto do escritório SOM cria um percurso que leva os estudantes do pavimento térreo até o sétimo pavimento, por meio de uma escadaria que a cada andar agrega um espaço comum de estudo. Estes espaços não possuem uma única função e podem ser utilizados de modo diferente por cada grupo de estudante. Os arquitetos responsáveis¹⁰ sustentam que este sistema de áreas conectadas por um percurso vertical fornece um local no qual estudantes, professores e trabalhadores podem interagir enquanto trabalham em grupo, ou desfrutam o tempo livre; criando movimento e oportunidade de interação.

Figura 8: The New School



Fonte: <http://www.dezeen.com/2014/02/11/the-new-school-university-campus-som-new-york/>

¹⁰ Fonte: <http://www.dezeen.com/2014/02/11/the-new-school-university-campus-som-new-york/>, acesso em 25/01/2016

e) PRAÇA

O princípio da praça como espaço de coletividade pode conter uma circulação definida ou espalhada, mas sempre será um espaço que estimula a permanência, característica ontológica da praça. Como na praça tradicional da cidade, os edifícios e as suas funções são desenvolvidas no entorno de áreas públicas. O primeiro projeto que exemplifica este princípio é o **Montessori College** (figura 9) de **Herman Hertzberger** construído em 2003 em Amsterdam. O segundo de 1990, é um projeto não realizado do **Hotel and Convention Center Agadir** (figura 10) do escritório holandês **OMA**.

No projeto de Hertzberger, um grande espaço central conecta todas as salas de aula e serve como local de encontro e comunicação de 1200 estudantes de mais de 50 países diferentes. Este amplo átrio é cortado por algumas passarelas com bancos e mesas, intensificando assim a permanência nesse local. Assim como projetos anteriores, aqui também há uma metáfora da cidade na qual a área central caracteriza-se como praça, unindo à necessidade de deslocamento a oportunidade de permanência. O conceito de praça vivenciada baseia-se na ideia que os moradores possuem qualquer coisa em comum, seja com expectativas recíprocas, ou ao menos a consciência da necessidade de uns aos outros¹¹.

Figura 9: Montessori College



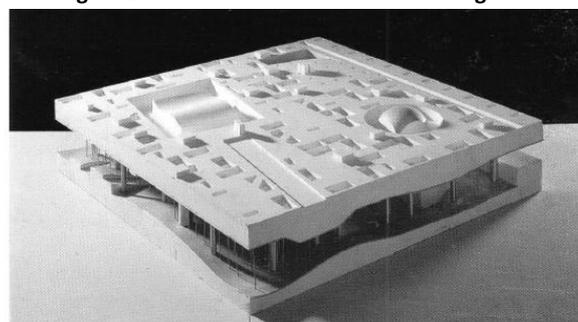
Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/554787247816894324/>

No segundo caso, a praça assume uma posição pouco convencional. De modo geral, o projeto pode ser visto como um único edifício dividido em duas partes: a cobertura e a base. Na cobertura estão organizados quartos do hotel enquanto na base localizam-se espaços de conferência, bar, cassino, cinema, discoteca e piscina. Essas duas partes estão separadas por um vazio, ou “entre-espaço”, que atua como uma grande praça coberta, oferecendo áreas de ócio e organizando e distribuindo as funções do hotel.

¹¹ HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitetura, 1999. Pg 41. In OLIVÉRIO, Maria Cristina Motta. Pg. 54.

Segundo Zuddas e Puddu¹² o projeto é uma solução ideal do agrupamento da vida coletiva com a privacidade. A decisão de colocar um espaço coletivo entre as funções do hotel é o ponto chave deste edifício e revela aspectos interessantes, o primeiro é que este vazio ocupa a mesma área das suítes, resultando em um cancelamento da hierarquia de importância entre o público e o privado; o segundo aspecto é como o arquiteto trabalha com modo tradicionalmente já conhecido dos arquitetos modernos: separa o volume privado do solo deixando o pavimento térreo livre. Nesta praça de Rem Koolhaas, o espaço é ativado pelas atividades que se manifestam entre volumes.

Figura 10: Hotel and Convention Center Agadir



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/256986722462139689/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este percurso de pesquisa, enquanto o tema da integração social era desenvolvido, algumas reflexões inesperadas vieram à tona e ao invés de fechar este processo, apontam para possibilidades de continuar a pesquisa. É importante destacar que a qualidade desses espaços não foi questionada, não podendo ser feito, por exemplo, uma qualificação dos espaços que possuem mais ou menos potencial em promover essa interação social. Fica em aberto, portanto, uma pesquisa interessada na identificação dos dispositivos mais eficientes.

De qualquer modo, é evidente que o papel da arquitetura ultrapassa as questões físicas ou espaciais e a produção arquitetônica é, a priori, uma atitude de transformação das dinâmicas sociais. Fica claro em cada projeto estudado que o tema da habitação de qualidade vai além dos limites da casa, e coloca cada vez mais como necessária a compreensão de que a casa faz parte de um sistema de elementos que formam o conjunto de um habitar coletivo. O protagonista do habitar não é a casa, mas o espaço coletivo que dá sentido à convivência de qualidade.

¹² ZUDDAS, Francesco; PUDDU, Sabrina. The Good [Collective] Life: A typological exploration for contemporary living. 2008. Pg. 7.



O enfrentamento dos problemas habitacionais do século XXI deve passar pela questão do isolamento e individualismo contemporâneo. Pensar no edifício como local de agregação social é um desafio urgente em um país com raízes e influências tão heterogêneas, por isso, por em pratica alguns dispositivos aqui levantados pode ser uma ferramenta muito útil não somente de combate à intolerância e segregação, mas, sobretudo ao estímulo de novas relações sociais e ao exercício da tolerância.

BIBLIOGRAFIA

AMERICAN INSTITUTE OF ARCHITECTURE. **Case Studies in the Study and Practice of Architecture: Development Checklist and Submission Guidelines**. Washington: AIA, 2001.

DAVIS, Mike. **Cidade de quartzo: escavando o futuro em Los Angeles**. Tradução: Marco Rocha e Renato Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2009.

FOQUÉ, Richard. **Building Knowledge in Architecture**. Antuérpia: UPA, 2010.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução: Carlos Mendes S. Rosa. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

SECCHI, Bernardo. **La città dei ricchi e la città dei poveri**. Bari: Editori Laterza, 2013.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Tradução: Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Editora Record, 1993.

YIN, Robert. **Case Study Research: Design and Methods**. 3 ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2003. p.161-163.

ZEIN, Ruth Verde. **Há que se ir às coisas: revendo as obras**. In: PEIXOTO, Gustavo; BRONSTEIN, Laís; OLIVEIRA, Beatriz Santos de; LASSANCE, Guilherme. *Leituras em teoria da arquitetura 3. Objetos*. Rio de Janeiro: Riobooks, 2011.